

POESIAS

Sá Barreto — Curitiba

ASTRONAUTA

Não vestirei as roupas siderais,
nem me enclausurarei na ogiva de um foguete
para transpondo a nossa atmosfera
girar, em órbita, ao redor da terra.
Não é por medo, não, nem teimosia,
tão pouco por preguiça ou aversão,
ou porque as uvas, talvez,
maliciosamente,
estejam verdes...

Todo o poeta já nasce um astronauta,
tanto que deles diz-se até que andam na lua!

Além do mais
que é azul tudo isto aqui,
que é redondo e que é a coisa mais bela do cosmos,
novidade não tem, nem se discute.
Para fruir motivos de estesia,
basta-me, pois, jungido embora, ao solo,
surpreender, por exemplo, o eclodir de uma rosa
e crer que presenciei o parto de uma estrêla.

DESESPERANÇA

Quero saber se estou errado,
se fiquei louco,
se não sei nada.

A outros indago,
pergunto-me a mim mesmo,
se esqueci,
nunca soube,
ou desaprendi aquilo que sabia.

A esmagadora angústia que me anula
é tanta
e é tão grande
e pesa tanto
e tal espaço ocupa,
que já nem cabe só dentro de mim.

De meu ser extravasa e as suas sobras
entranham-se nos meus,
nos a quem prezo como amigos
e alcançam até meus semelhantes.

O sangue não estancou ainda, escorre mais,
e, a punição dos cataclismas, hoje,
o homem usurpou a Deus.

Continuam as vestais sendo violadas,
os templos profanados,
as lâmpadas votivas
apagadas,
e, irmanados, o bem e o mal,
pacíficos,
já coexistem.

Exterminaram com a felicidade. . .

E os nobres sentimentos
e as virtudes altas,
que dignificavam as criaturas,
se ainda sobrevivem,

é tão sòmente,
nos léxicos
e nos museus.

Tudo parece que soçobrará!

O século, porém, eufórico, delira
e a técnica — vedeta do tumulto —
coloca em órbitas, na abóboda celeste,

planetas e satélites artificiais.
Como se fôsse numa besta fera,
deram um tiro na lua, assassinaram-na!

Em nome da ciência
e por amor ao próximo,
busca-se prolongar, indefinidamente,

o fardo desta vida
e reprisar,
centuplicados,
de Lázaro
e da filha de Jáiro,
os milagres
das Escrituras
sagradas. . .

Nem mais a própria morte é paz.